

A construção do “Encontro de Saberes: comunidades litorâneas” no Campus Litoral Norte da UFRGS - reflexões sobre práticas pluriépistêmicas na universidade

Isadora Martins Cardoso¹

Michele Barcelos Doeber²

Olavo Ramalho Marques³

Resumo

Este texto apresenta a ação de ensino e extensão “Encontro de Saberes: comunidades litorâneas”, realizada no Campus Litoral Norte da UFRGS em 2024. A proposta tem inspiração em iniciativas nacionais e busca promover o diálogo entre saberes acadêmicos e tradicionais, valorizando conhecimentos de comunidades afro-brasileiras, indígenas e pesqueiras da região. Oferecida tanto como disciplina para cursos de graduação quanto como curso de extensão aberto à comunidade, a ação foi desenvolvida de forma intercultural e colaborativa, e contou com a participação de três mestres dos saberes tradicionais: Mestra Rainha Ginga Francisca Dias (Maçambique de Osório), Cacique Sérgio Gimenes (aldeia *Mbyá Guarani Kuaray Rese*) e Mestre Francelino Antônio dos Santos Neto (pescador artesanal da Barra do Rio Tramandaí). Cada um conduziu um módulo temático conectado à sua trajetória de vida, territórios e saberes. A avaliação da atividade foi baseada em experiências de campo, reflexões e ações de retorno às comunidades, como a criação de projetos e produtos com relevância social e cultural, entre eles: logotipo e museu digital do Maçambique de Osório, catálogo de artesanato guarani e matéria sobre a pesca cooperativa com botos. A experiência revelou os impactos da lógica do capital sobre os territórios tradicionais, mas também destacou a potência dos saberes ancestrais na construção de alternativas mais justas e sustentáveis de futuro. O Encontro de Saberes, assim, configura-se como uma ação formativa, política e poética, que rompe com a lógica da universidade unidirecional, propondo escuta, aprendizado mútuo e valorização da diversidade epistêmica.

Palavras-chave: comunidades litorâneas; encontro de saberes; interculturalidade, pluralidade epistêmica.

The construction of the “Encounter of knowledges: coastal communities” - reflexions on multi-epistemic practices at the university

Abstract

¹ Estudante de Engenharia de Serviços/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bolsista do projeto de extensão UFRGS Litoral nas Escolas, contato: isamartins0611@gmail.com.

² Doutora em Educação, Técnica em Assuntos Educacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, contato: michele.doeber@ufrgs.br.

³ Olavo Ramalho Marques, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, contato: olavo.marques@ufrgs.br.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



This paper presents the teaching and extension action Encontro de Saberes: comunidades litorâneas (Encounter of Knowledges: coastal communities), held at the North Coast Campus of UFRGS in 2024. Inspired by national initiatives, the project aims to foster dialogue between academic and traditional knowledge, valuing the wisdom of Afro-Brazilian, Indigenous, and fishing communities in the region. Offered both as an undergraduate course and an open extension program, the initiative was developed in an intercultural and collaborative manner, featuring the participation of three masters of traditional knowledge: Master Ginga Queen Francisca Dias (from Maçambique of Osório), Sérgio Gimenes Cacique (from the Mbyá Guarani village named Kuaray Rese), and Master Francelino Antônio dos Santos Neto (a traditional fisherman from Tramandaí River estuary). Each of them led a thematic module connected to their life experience, territories, and knowledge. The evaluation of the activity was based on field experiences, reflections and actions of restitution to the communities, including the creation of socially and culturally relevant projects and products such as a logo and a digital museum for Maçambique of Osório, a catalog of Guarani handicrafts, and a report on cooperative fishing with dolphins. The experience revealed the impact of capitalist logic on traditional territories but also highlighted the strength of ancestral knowledge in building fairer and more sustainable prospects of future. Encounter of knowledges thus emerges as a formative, political and poetic action that breaks with the unidirectional logic of the university, proposing listening, mutual learning and the appreciation of epistemic diversity.

Keywords: coastal communities; Encounter of knowledges; interculturality; epistemic plurality.

1 Introdução

Neste texto apresentamos experiência de ensino e extensão oferecida tanto como disciplina com carga horária extensionista para estudantes de graduação e pós-graduação, quanto como curso de extensão aberto à comunidade. Trata-se da ação Encontro de Saberes: comunidades litorâneas, que teve sua primeira edição no ano de 2024, a partir de construções coletivas de uma equipe de servidores⁴ do Campus Litoral da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, situada no município de Tramandaí/RS. A experiência se consolidou a partir de construções interculturais que vinham sendo realizadas através da extensão entre a universidade, especialmente este coletivo de servidores e a equipe do Projeto UFRGS Litoral nas Escolas (projeto que acolhe a ação de extensão), e comunidades tradicionais (negras, indígenas e de pescadores) da região.

A proposta Encontro de saberes: comunidades litorâneas se desenvolve em confluência com a experiência da disciplina que ocorre no campus centro da UFRGS desde o ano de 2016. Primeira versão de uma disciplina desse tipo foi sugerida a partir de debates iniciados em 1999 na Universidade de Brasília, na esteira da implementação de projetos de

⁴ Além dos autores deste texto, as professoras Carla Beatriz Meinerz e Rejane Klein e o prof. Ignacio Maria Benites Moreno.



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



inclusão da população afrodescendente e indígena na educação superior, bem como em atendimento às demandas de mestres e mestras tradicionais no desenvolvimento de políticas públicas para as Culturas Populares que garantissem, entre outras ações, sua inserção nos vários níveis de ensino.

Impulsionada pela promulgação das leis 10.639/03 e 11.645/08, que instituíram a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena no currículo oficial da rede de ensino pública e privada no Brasil, a proposta evoluiu na parceria com o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI) e com Ministérios e Agências do Poder Público Federal. O primeiro oferecimento da disciplina ocorreu na UnB, em 2010. Atualmente várias Universidades Públicas no Brasil (UnB, UFMG, UFJF, UECE, UFPA e UFSB) e no exterior (por ex., Pontifícia Universidad Javeriana/Colômbia) desenvolvem propostas semelhantes, apostando em um modelo interdisciplinar que cruza as fronteiras entre campos do saber.

Na UFRGS, a disciplina Encontro de Saberes passou a ser ofertada desde 2016 sediada no Departamento de Música, sendo ministrada por um coletivo de docentes de diversas áreas e departamentos (das áreas das artes visuais, música, antropologia, educação, história, economia, entre outros) reunindo estudantes de diversos cursos da universidade. A proposta aqui apresentada resulta da criação de uma versão litorânea deste Encontro de Saberes, disponível aos diversos cursos de graduação da UFRGS Litoral (o primeiro campus fora de sede da UFRGS), em confluência com proposta experimentada no campus central, como forma de aproximação efetiva, copresença e confluência entre saberes científicos-acadêmicos/sintéticos e saberes tradicionais-comunitaristas/orgânicos (conceitos de Antônio Bispo em entrevista com DORNELES, 2021). Convidamos os mestres das comunidades afro-brasileiras, indígenas, pesqueiras, ribeirinhas e de terreiro do Litoral Norte Gaúcho para adentrar os muros da universidade na condição de professores, simetrizando seus saberes àqueles privilegiados na academia, assim como levamos os alunos a vivenciar estes territórios de vida, conduzidos pelos mestres de cada uma destas coletividades em saídas de campo temáticas. Esta experiência, acreditamos, é efetivamente transformadora na



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



formação epistêmica dos estudantes universitários, revolucionária na produção de saberes confluentes em termos de percepção de mundo e produção de projetos de futuro, bem como politicamente engajada na valorização destes sábios das culturas populares e comunidades tradicionais.

O diferencial da versão litorânea da ação é que foi oferecida para, além dos estudantes de cursos de graduação e pós-graduação, como ação de extensão aberta à toda comunidade, no formato de curso de extensão de 60h. A proposta da disciplina foi discutir noções de interculturalidade, conceitos como educação das relações étnico-raciais, diversidade cultural e pluralidade epistêmica. Trata-se de uma proposição bastante inovadora no que diz respeito à docência e à relação com as comunidades originárias. A docência é feita de forma colaborativa entre professores/técnicos da universidade e mestres dos saberes tradicionais e populares, os primeiros sendo responsáveis pela organização geral da disciplina, pelos processos burocráticos-administrativos, e servindo de anfitriões aos mestres, que conduzem a dinâmica dos encontros e dos módulos. Nesta primeira experiência - que será reeditada no segundo semestre de 2025 e anualmente a partir daí - contamos com a docência de três mestres:

- Mestra Francisca Dias, Rainha Ginga do Maçambique de Osório, que ministrou o módulo Sociedades, Ancestralidades e Modos de Viver Comunitaristas;
- Mestre Sérgio Gimenes, cacique *Mbyá guarani* da aldeia *Kuaray Rese*, situada no município de Osório, que ministrou o módulo Plantas, Terra, Alimento e Ancestralidades;
- e o Mestre Francelino Antônio dos Santos Neto, pescador artesanal da pesca cooperativa com os botos da barra do Rio Tramandaí, que ministrou o módulo Águas, Animais, Trabalho e Modos de Viver Cooperativos.

A avaliação da disciplina tampouco seguiu os moldes tradicionais. Ao invés das avaliações dissertativas individuais, valorizou-se a participação dos estudantes nos encontros e construiu-se conhecimento a partir da vivência, na forma de diários de campo, reflexões sensíveis do acompanhamento das aulas dos mestres (em especial a vivência nas saídas de



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO-RS



campo nas comunidades) e, ao final, uma confluência — momento de síntese coletiva, onde os grupos construíram algo que respondesse, dialogasse ou florescesse a partir do diálogo com um dos mestres. A ideia era devolver à comunidade não apenas a presença, mas também a colaboração — um gesto de reconhecimento, escuta, restituição e retribuição. Assim, foram elaborados projetos/produtos de modo a colaborar com alguma demanda daquela comunidade. Nesse sentido, a expectativa era a de que os projetos tivessem relevância social, sendo pertinentes e comprometidos com os territórios e grupos com os quais dialogaram e conviveram no processo.

Importante apontar que, após muito trabalho coletivo na organização e construção da proposta deste Encontro de Saberes, nosso pontapé inicial foi simbolicamente denso e bastante profundo em significados. Nosso primeiro momento coletivo e presencial - reunindo mestres, professores e estudantes, comunidade interna e externa à universidade, além de um grupo de pessoas envolvidas no Encontro de Saberes de Porto Alegre - se deu sob a bênção do Maçambique de Osório, debaixo da enorme figueira que ocupa o coração do Campus Litoral Norte da UFRGS. Rainha Ginga, Rei Congo, tamboreiros e dançantes nos presentearam, em pleno ciclo ritual da Festa de Nossa Sra. do Rosário⁵, com cantos e danças ancestrais encompassados ao som dos tambores, sob a bandeira da santa de devoção deste complexo cultural do catolicismo negro tão importante para o Litoral Norte Gaúcho. Conforme Iosvaldyr Bittencourt Júnior (2006), as festas em honra a Nossa Senhora do Rosário não envolvem apenas devoção e religiosidade, mas também se configuram como espaço de resistência e afirmação identitária.

Findado o momento de saudação inicial, tivemos em seguida um momento rico de trocas, em que ouvimos as histórias de nossos mestres, narrativas sobre as experiências prévias dos Encontros de Saberes de Porto Alegre por parte de alguns de seus mestres,

⁵ A Festa de Nossa Sra. do Rosário, principal evento ritual do Maçambique de Osório, atualmente ocorre, em geral, no primeiro final de semana de outubro de cada ano, iniciando-se na quinta-feira, com o levantamento do mastro com a bandeira da santa, e termina com a derrubada do mastro na tarde de domingo. Em outros momentos históricos, o ciclo ritual já foi realizado em janeiro, próximo ao Dia de Reis. Sobre isto ver Bittencourt Júnior (2006). O referido encontro, acima descrito, se deu na sexta-feira situada neste intervalo, dia 27/09/2024. Neste ano, a festa foi realizada no último final de semana de setembro em função das eleições municipais que ocorreram no final de semana seguinte.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



docentes da universidade e estudantes. Trataremos, a seguir, de cada um dos módulos desenvolvidos, seus mestres e os temas que abordaram, tecendo reflexões a respeito em especial sobre os impactos que o “desenvolvimento” e lógica do capital vem gerando nos territórios das comunidades que representam, bem como possíveis contribuições das propostas elaboradas na disciplina para a promoção de justiça socioambiental nas comunidades.

2. Módulo com a Mestra Francisca Dias, Rainha Ginga do Maçambique de Osório

Em meio aos ritmos, cores e tradições do Litoral Norte Gaúcho, a figura da Rainha Ginga do Maçambique de Osório se destaca como símbolo de resistência, liderança e ancestralidade. Inspirada na força da histórica rainha africana Nzinga Mbandi — soberana dos reinos de Ndongo e Matamba —, a Rainha Ginga representa não apenas a autoridade feminina em meio ao grupo de Maçambique, mas também a preservação de memórias africanas corporificadas nos maçambiqueiros e de raízes afro-brasileiras em território gaúcho.

O Maçambique de Osório é um tradicional complexo cultural de devoção a Nossa Sra. do Rosário, expressão ímpar do catolicismo popular negro do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Osório⁶, perpetua uma singular tradição afro-católica, expressão cultural cuja centralidade está na coroação do Rei Congo e da Rainha Ginga - figuras que encarnam, nesta manifestação, a centralidade da ancestralidade na cosmovisão afro-brasileira. Nestes termos, trata-se de uma congada - expressão presentes em várias partes do território brasileiro, com diversos matizes regionais e locais. Os Reinados, Congados e Congadas foram recentemente reconhecidos oficialmente Patrimônio Cultural do Brasil⁷. Ao redor do reinado - com destaque para a centralidade da

⁶ Reconhecido através da Lei Municipal Nº 6093, de 25 de setembro de 2018.

⁷ Em 18/06/2025, os Reinados, Congados e Congadas se tornaram oficialmente Patrimônio Cultural do Brasil, com registro no Livro dos Saberes, um dos que compõem os bens reconhecidos como Patrimônio Cultural de natureza imaterial da nação brasileira. Sobre isto, ver: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/reinados-e-congados-sao-reconhecidos-como-patrimonio-cultural-do-brasil>. Acesso em 28/07/2025.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO-RS



rainha como figura de autoridade feminina - organizam-se as demais posições: dançantes, tamboreiros, alferes da bandeira, pajem da rainha e outros papéis.

O Maçambique de Osório tem suas raízes na Comunidade Remanescente de Quilombo do Morro Alto, cujo território engloba porções dos municípios de Osório e Maquiné. Uma diáspora da comunidade a partir desse território originário conduziu muitos de seus membros a buscar residência nas regiões periféricas dos núcleos urbanos da região, sendo a cidade de Osório um lugar de reterritorialização do grupo, onde acontece grande parte do ciclo ritual anual da festa de Nossa Senhora do Rosário, mencionado anteriormente.

No batuque dos tambores, na evolução ritmada dos corpos em dança, marcada pelos passos firmes e pela espiritualidade que guia cada manifestação, a presença da Rainha Ginga reafirma o papel fundamental das mulheres negras na manutenção e transmissão do legado das culturas de matriz africana. Em Osório, a rainha é mais do que uma personagem: é memória viva, história pulsante e voz de um povo que resiste com alegria, fé e devoção às tradições. Ao longo de sua vida, Francisca Dias (herdeira do reinado de sua mãe Severina, e das rainhas Tomázia e Maria Teresa antes desta) construiu pontes entre passado e presente, transformando o Maçambique de Osório em um espaço de celebração, espiritualidade e resistência negra. Seu legado ressoa até hoje, presente nos cantos, nas danças e nas histórias contadas pelas gerações que ela ajudou a formar, tanto no maçambique - cuja coroação reflete uma história de vida dedicada ao grupo - quanto em sua atuação como professor da educação infantil no município.

Há aproximadamente cinco décadas as famílias que atualmente residem em Osório e compõem o Maçambique, moravam no Morro Alto. Antônio Stenzel Filho, célebre cronista que retratou a cidade de Osório - então chamada de Vila da Serra - em meados do século XIX, descreve o encontro dos maçambiques do Morro Alto e dos Quicumbis das vilas de Palmares e Mostardas no centro urbano do município⁸. O Território do Quilombo do Morro Alto, pleiteado pela comunidade em seu processo de luta pela terra, abrange localidades distintas, uma das quais hoje abriga uma grande pedreira - cuja presença produziu riscos e

⁸ O Município de Osório, emancipou-se de Santo Antônio da Patrulha em 1857, abarcando vasta área que ia de Palmares do Sul a Torres, distantes cerca de 149 km um do outro.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO-RS



impossibilidades de perpetuação da vida, outrora “rica”, que conduziu a muitas famílias a uma migração forçada rumo à periferia da cidades ao redor.

Morro Alto, localidade situada parte em Maquiné e parte em Osório, é percebida pela comunidade que a habita como um espaço de realização de sua vida e de atualização de sua memória. Estende-se por setores relativamente urbanizados e outros, ainda, com características plenamente rurais. A área que está em maior estado de urbanização, onde situa-se o núcleo de Morro Alto, próximo ao entroncamento da atual BR-101 e a estrada RS-407, encontra-se habitada por pessoas das parentelas negras descendentes de ex-escravos e por descendentes de imigrantes invasores ou já integrados à comunidade por laços de parentesco. Já as localidades de Barranceira, Agupés (ou Cortiça) e Ribeirão podem ser caracterizados como “bairros rurais”. São sobre esses laços sociais, alicerçados em bases étnicas, que os membros da comunidade constroem sua identidade proporcionando a sua unidade, configura seu território como etnicamente diferenciado e a situa politicamente como *minoritária*. (Barcellos, et. al., p. 21)

O que levou à progressiva desocupação de porções desse território? Quais são as pressões que a comunidade sofreu e sofre, em termos da expropriação de seu território. Parte desta população deixou suas terras de origem, mas não perdeu o território como *lôcus* de referência identitária. Como um espaço que serviu de lar para tantas pessoas se tornou inóspito, expulsando muitas famílias do local onde constituíam laços de parentesco com todo tipo de ser que lá habitava (humanos e não humanos)? São alguns questionamentos que surgiram durante a visita de campo no território.

Segundo relatos de Francisca, esse processo está diretamente relacionado à mineração, com a instalação e expansão da pedreiras na região, bem como à mercantilização de seus territórios vitais. De acordo com a rainha, a atividade extrativista foi, ao longo dos anos, invadindo o território e forçando os moradores a abandonarem suas casas. As explosões com dinamite, utilizadas rotineiramente na extração, causavam tremores constantes e colocavam em risco a integridade física e emocional dos habitantes, levando-os a se deslocarem para áreas mais afastadas. A família da própria Rainha Ginga foi uma das afetadas por esse processo. O local que um dia abrigou sua casa, sua história e seus ancestrais foi destruído, assim como o de diversas outras famílias. Em nome do lucro, um núcleo da comunidade foi desfeito, desterritorizado — e, com ela, fragmentos importantes



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



da memória e da cultura negra local foram legados a um esquecimento, contra o qual a luta da comunidade se impõe contemporaneamente.

Durante uma saída de campo organizada pela disciplina, visitamos o território onde a Rainha Ginga e sua família viveram. A visita, marcada por reflexões profundas, foi interrompida por uma forte explosão vinda da pedreira ainda em operação. O estrondo e o tremor causados pela dinamite surpreenderam e assustaram aos presentes, tornando vívida a violência simbólica e física que atinge aquele território. Os ecos daquele passado, narrado em fala emocionada na voz embargada de uma das lideranças daquela comunidade, impuseram-se sobre a paisagem que percebemos. Juntos, insinuaram-se o avanço das máquinas, o impulso do “progresso” e a força destrutiva de um modelo econômico que desconsidera vidas, histórias e raízes. Francisca Dias não tinha retornado àquele local desde sua saída, ainda criança, em meados dos anos 60. Escolheu percorrer as trilhas que sobem o Morro Alto com o grupo do Encontro de Saberes, na condição de rainha e mestra. Falava da riqueza que viviam ali: riqueza esta não de posses, bens ou conforto, mas de vida em abundância. De Bem Viver.

Como resultado das discussões e atividades desenvolvidas em grupo, surgiram duas propostas principais voltadas à valorização e preservação da memória do Maçambique de Osório como atividades finais da disciplina. A primeira consistiu na criação de novo logotipo para identificação da Associação Religiosa e Cultural, atualizando o já utilizado de modo a corresponder com os elementos centrais da manifestação cultural (os pés dos dançantes, a maçacaia e o tambor, as coroas da Rainha Ginga e do Rei Congo).

Paralelamente, foi desenvolvido um museu digital na plataforma Instagram, com a finalidade de arquivar e difundir, de forma acessível e interativa, registros, relatos e imagens relacionados ao Maçambique. Esta iniciativa busca ampliar o alcance da memória coletiva por meio das redes sociais, utilizando recursos digitais como ferramenta de educação patrimonial, sobretudo entre os públicos mais jovens e conectados. Ambas as ações representam estratégias complementares de preservação cultural, articulando o território físico e o virtual como espaços de resistência e visibilidade da cultura popular.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



3. Módulo com o Mestre Sérgio Gimenes, Cacique Mbyá Guarani na aldeia *Kuaray Rese*

O Cacique Sérgio Gimenes é uma liderança destacada da Aldeia Sol Nascente (*Tekoa Kuaray Rese*), localizada em Osório, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Filho do cacique Avelino, Sérgio assumiu a liderança da comunidade, composta por aproximadamente 25 famílias e cerca de 125 pessoas. Além de cacique, Sérgio atua como professor e artesão, desempenhando um papel fundamental na preservação e transmissão da cultura *Mbyá Guarani*. Ele ministra aulas bilíngues em guarani e português na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental *Kuaray Rese*, reforçando a importância da educação na manutenção da identidade cultural da comunidade. Tem uma destacada participação política, sendo liderança perante as comunidades *mbyá guarani* do estado do RS e ocupando atualmente o lugar de coordenador do Conselho Estadual dos Povos Indígenas (CEPI).

Sob sua liderança, a aldeia tem se engajado em diversas iniciativas voltadas ao fortalecimento da cultura e da autonomia indígena. Projetos como a capacitação em produções audiovisuais têm sido realizados para que os jovens *Mbyá Guarani* possam registrar e divulgar suas próprias histórias e saberes, promovendo uma comunicação mais autêntica e fortalecendo os laços comunitários. Além disso, Sérgio tem representado a comunidade em conselhos, eventos e encontros com autoridades locais, buscando melhorias nas condições de vida da aldeia, como a obtenção de infraestrutura básica.

A atuação do Cacique Sérgio Gimenes reflete um compromisso com a preservação dos valores tradicionais *Mbyá Guarani*, ao mesmo tempo em que busca integrar a comunidade às dinâmicas contemporâneas de forma respeitosa e sustentável. Sua liderança é marcada pela valorização da educação, da cultura e do diálogo intercultural, contribuindo para a resistência e o fortalecimento da identidade indígena no litoral gaúcho.

Ao longo dos encontros realizados com a comunidade, o Sérgio Gimenes reiterou com frequência uma visão profundamente enraizada na cosmovisão Guarani: “Tudo que usufruímos vem da Terra, por isso a chamamos de Mãe Terra. A Terra é sagrada”. Essa concepção orienta não apenas a vida espiritual do povo *Mbyá Guarani*, mas também práticas



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



cotidianas de cuidado, reciprocidade e respeito à natureza. Para o cacique, a preservação da Mãe Terra não é apenas uma necessidade ecológica, mas um princípio ético e sagrado, que sustenta a vida humana e não-humana.

O Cacique Sérgio também destacou que o fortalecimento das comunidades indígenas representa um ganho coletivo, que se estende além dos limites territoriais. Segundo ele, quando uma aldeia conquista melhores condições de vida, autonomia e reconhecimento, toda a sociedade ao redor é beneficiada, incluindo os demais seres vivos que compartilham o território. Essa perspectiva amplia o entendimento de desenvolvimento, propondo um modelo que inclui equilíbrio ambiental, justiça social e respeito às formas de vida tradicionais.

As aulas e atividades conduzidas por Sergio Gimenes giraram em torno da relação com a natureza, com as plantas, com os alimentos e a dimensão de sacralidade que estes possuem na cosmovisão mbyá. O trabalho de campo foi realizado na *Tekoa Kuaray Rese*. Em uma das aulas no CLN/UFRGS, o mestre conduziu a turma por um percurso pelas áreas de natureza exuberante do campus, identificando e comentando sobre espécies presentes, lidando com iniciativas como horta pedagógica, açudes, etc.

Como fruto da interação com o mestre e a comunidade, um grupo de estudantes da disciplina Encontro de Saberes propôs contribuir com a sustentabilidade da comunidade através do registro dos artesanatos produzidos por eles para fins de divulgação e incremento das vendas, contribuindo com sua autonomia financeira. O objetivo é agregar valor às produções através da divulgação do conhecimento de como é escolhido cada material utilizado na produção do artesanato: como por exemplo, as sementes e a *takuapi* (taquara). Para tanto, o grupo produziu e entregou à comunidade um acervo de fotografias dos artesanatos e imagens de drone da aldeia, propôs-se a criar um catálogo digital dos produtos e criou uma conta de Instagram para auxiliar na divulgação dos mesmos.

4. Módulo com o Mestre Francelino dos Santos Neto, Pescador Artesanal da Barra do Rio Tramandaí



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



O mestre convidado deste módulo foi o pescador artesanal Francelino Antônio dos Santos Neto, conhecido carinhosamente como França, figura respeitada na comunidade pesqueira da Barra do Rio Tramandaí, na cidade que ganha o nome do rio. Natural de Santo Antônio da Patrulha, França migrou para a Barra há aproximadamente 50 anos, onde construiu sua vida, formou família e fez do Rio Tramandaí sua principal fonte de sustento e sabedoria. Ao compartilhar sua trajetória com o grupo, destacou a importância de ensinar aos filhos o respeito e o amor pelo rio, pelas águas e pelos botos com quem partilham o território e as práticas cotidianas, valores que orientaram sua vivência e garantiram dignidade e alimento por meio da pesca artesanal.

Entre os aspectos mais marcantes de seu relato está a descrição da rara relação de cooperação entre os pescadores e os botos da Barra de Tramandaí. Segundo França, essa interação, que perdura há gerações, constitui um fenômeno cultural e ecológico de enorme valor, sendo reconhecida como uma das poucas práticas conhecidas no mundo em que golfinhos como o Boto-de-Lahille (*Tursiops geophyreu*s) colaboram ativamente com seres humanos durante a pesca.

Nessa prática tradicional, os botos atuam como parceiros dos pescadores: eles cercam os cardumes e, com movimentos específicos, indicam aos pescadores a direção e o momento certo de lançar a tarrafa. Os pescadores, por sua vez, respeitam o tempo e o espaço dos animais, devolvendo ao rio o que não utilizam e garantindo que a pesca seja feita de forma sustentável. Esse tipo de cooperação interespecie não apenas potencializa o sucesso da pescaria, mas também fortalece vínculos simbólicos, éticos e espirituais entre a comunidade humana e o ambiente natural.

A relação entre pescadores e botos na Barra do Rio Tramandaí é uma expressão viva de saberes tradicionais, enraizados na escuta atenta da natureza e no reconhecimento da inteligência e agência dos animais não-humanos. França, como guardião dessa prática, transmite não apenas conhecimento técnico, mas também uma ética de convivência com o rio e seus habitantes, baseada na escuta, no respeito mútuo e na reciprocidade.



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



As aulas do mestre versaram sobre percepção ambiental, ameaças ao ambiente que abriga esta interação rara, o descaso dos poderes públicos, mas sobretudo destacaram a beleza e o extraordinário valor da pesca com os botos. França abordou as estratégias e técnicas de pesca, tratou das técnicas para a construção e tessitura das tarrafas⁹

Como trabalho final do grupo, foi realizada a produção de uma matéria jornalística publicada no portal Sul21 com o título: “Documentário conta a história dos pescadores de Tramandaí com os botos: ‘É um fenômeno raríssimo’” (VELLEDA, 2025). A publicação foi viabilizada por meio de articulações realizadas pelos integrantes do grupo e teve como foco principal o lançamento do documentário “Pesca do Boto”, dirigido por Olavo Ramalho Marques (2024), que aborda a rara e singular relação de cooperação entre os pescadores artesanais da Barra de Tramandaí e os botos (golfinhos) que habitam a região. O documentário foi lançado em janeiro de 2025, em Tramandaí. A obra é estruturada a partir dos relatos de cinco pescadores locais e busca retratar a complexidade e a ancestralidade dessa parceria interespecie, na qual os botos auxiliam na pesca, indicando aos pescadores o momento ideal para lançar as redes. Essa prática tradicional, transmitida oralmente entre gerações, constitui um exemplo notável de cooperação entre humanos e animais, sendo considerada um fenômeno cultural e ecológico raro no mundo.

A chamada expansão do "desenvolvimento", materializada na construção de obras como pontes, dutos de esgoto e outras intervenções urbanas na região da Barra de Tramandaí, representa uma ameaça direta à pesca artesanal e à delicada relação de cooperação entre os pescadores e os botos. Essas obras impactam profundamente o ecossistema do rio, alterando o curso das águas, gerando poluição e comprometendo a biodiversidade local. A construção de dutos de esgoto, em especial, pode degradar a qualidade da água, afastar os peixes que compõem os cardumes e afetar diretamente a saúde dos botos, cuja sobrevivência depende da integridade desse ambiente.

A pesca colaborativa entre humanos e botos é uma prática profundamente enraizada nos modos de vida tradicionais da comunidade pesqueira local. Qualquer interferência

⁹ Rede circular com a qual capturam tainhas.



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



desordenada no rio ameaça não apenas o equilíbrio ecológico, mas também o patrimônio imaterial¹⁰ construído através das gerações. O risco não é apenas ambiental, mas também cultural: com a perda dos botos e do ambiente propício à pesca tradicional, desaparecem também histórias, práticas e vínculos construídos ao longo de décadas entre o povo e o rio.

5. Considerações finais

Refletimos, ao longo da ação aqui compartilhada, sobre as feridas abertas pelo avanço da lógica do capital nos territórios e sobre como os saberes ancestrais podem lançar luz sobre caminhos mais justos, sustentáveis e humanos. A universidade, nesse gesto, assume seu compromisso com a extensão - neste caso, uma extensão às avessas, já que não se trata mais de levar saberes acadêmicos às comunidades, mas sobretudo de promover a invasão da própria universidade por parte dos saberes populares, tradicionais e comunitários através de seus mestres - seus mais notórios detentores. Trata-se de simetrizar conhecimentos e valorizar aprender o aprender através do estabelecimento de comunidades de aprendizagem (HOOKS, 2013) pluriépistêmicas com aqueles cujos conhecimentos foram historicamente calados, ignorados, subalternizados.

As ações de colaboração com as comunidades propostas pela disciplina e produzidas pelos estudantes permitiram uma vivência concreta de articulação entre pesquisa, ensino e extensão, ampliando a compreensão sobre o conceito de desenvolvimento sustentável e a importância de respeitar os saberes tradicionais como estratégias de preservação cultural e ambiental. Os trabalhos desenvolvidos reforçaram o papel da universidade pública na mediação de diálogos entre ciência, tradição e transformação social.

Frente ao mundo cada vez mais fragmentado e consumido por fluxos desiguais de informação e poder, as experiências vivenciadas anunciam outras possibilidades de ser, estar e sentir o mundo: redes de solidariedade, práticas de cuidado, resistências cotidianas que

¹⁰ O Registro da Pesca com o Boto no Sul do Brasil (Tramandaí, Laguna, Araranguá e outras localidades) está sendo realizado através de um dossiê em processo de produção por uma equipe do Canoa/UFSC (Coletivo de estudos com ambientes, percepções e práticas), em parceria com o Projeto Botos da Barra/UFRGS, a partir de convênio com o IPHAN.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



sustentam a vida. O Encontro de Saberes, em sua versão litorânea, é um gesto político e poético, um convite à escuta radical e à convivência transformadora. É a universidade se abrindo para acolher sabedorias que nos mostram que o futuro é ancestral, ou não será, como tem manifestado os movimentos indígenas contemporâneos. Essa perspectiva traz à reflexão a necessidade de um diálogo entre o passado e o futuro, acreditando que os saberes ancestrais podem fornecer soluções e perspectivas valiosas para os desafios do presente e para a construção de um futuro mais justo e sustentável.

Referências

BARCELLOS, Daisy Macedo de (et. al). **Comunidade negra de Morro Alto**: historicidade, identidade e territorialidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Fundação Cultural Palmares, 2004.

BITTENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr Carvalho. **Maçambique de Osório**: entre a devoção e o espetáculo: não se cala na batida do tambor e da maçaquaia. Tese. Doutorado em Antropologia Social. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/12758> . Acesso em: 04 de outubro de 2024.

CUSTÓDIO, Aline. **Monarcas de Osório**. ZH Singular: um olhar sobre o Rio Grande. Jornal Zero Hora. [s.d] Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/especiais/zh-singular/osorio/>. Acesso em: 18 maio 2025.

DORNELES, Dandara R. **Palavras Germinantes**: entrevista com Nego Bispo Revista Identidade!, Vol. 26 (1 e 2), p. 14–26. 2021. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/Identidade/article/view/1186> . Acesso em: 18 maio 2025.

HOOKE, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

STENZEL FILHO, Antônio. **A Vila da Serra (Conceição do Arroio)**: Sua descrição física e histórica. Usos e costumes até 1872. Reminiscências. Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1980.



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



VELLEDA, Luciano. **Documentário conta a história dos pescadores de Tramandaí com os botos**: 'É um fenômeno raríssimo'. Portal Sul 21. 18 de janeiro, 2025. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/cultura/2025/01/documentario-conta-a-historia-dos-pescadores-de-tramandai-com-os-botos-e-um-phenomeno-rarissimo/>. Acesso em: 18 de maio 2025.